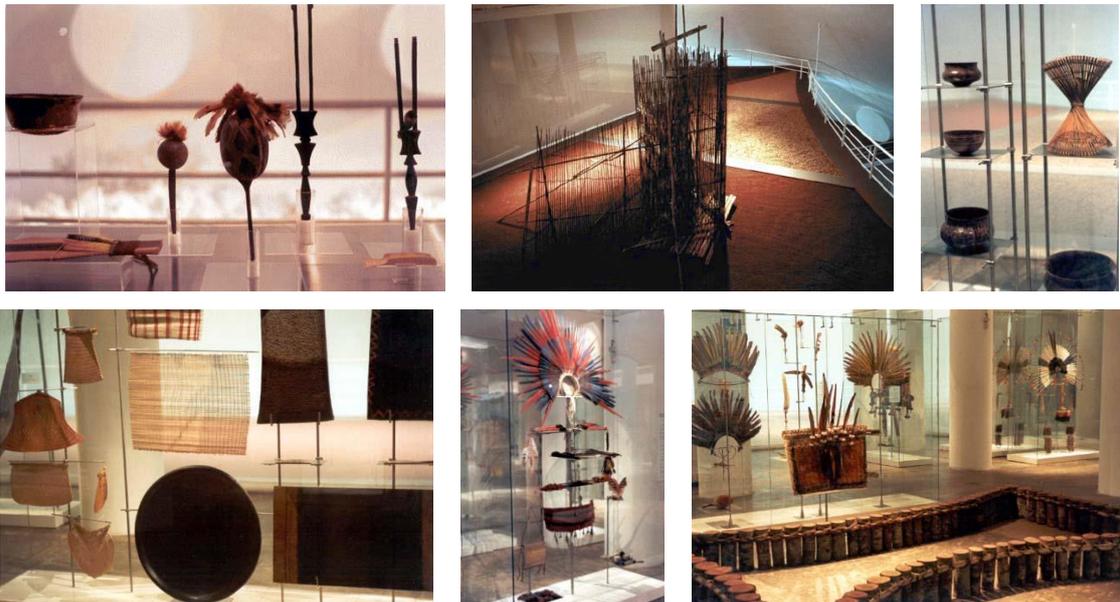


## ARTES INDÍGENAS NO SÉCULO XXI

Regina Polo Müller <sup>1</sup>

Duas exposições no começo deste século, uma nacional e outra internacional, merecem destaque por anunciarem - ou confirmarem - a inserção das manifestações indígenas no debate das artes contemporâneas.



fotos: Chico Paes

Realizada de abril a setembro de 2000, em São Paulo, a "Mostra do Redescobrimento", que pretendeu expor um panorama da arte brasileira, incluiu manifestações de artes visuais de sociedades indígenas no conjunto das obras artísticas representativas deste panorama. O "Módulo Artes Indígenas" que reunia objetos e "instalações" (armadilha de pesca e parafernália de sepulturas e rituais funerários) foi concebido ainda como parte autônoma e coexistente com os demais universos das artes visuais tais como a "Arte Moderna", a "Arte Contemporânea" e a "Arte Barroca", dentre outros. Foram selecionados dos acervos de museus nacionais e internacionais e de colecionadores e adquiridos

---

<sup>1</sup> Regina Polo Müller foi curadora associada da "Mostra do Redescobrimento", Módulo "Artes Indígenas" e curadora da exposição "Altäre , kunst zum niederknien" para a montagem do altar "Tukaia", do povo Asuriní do Xingu. É antropóloga e docente do Instituto de Artes da UNICAMP.

junto às sociedades indígenas, objetos e "instalações" de diversos povos. A curadoria concebeu os seguintes temas para a exposição dessas obras: "O que pode ser arte nas sociedades indígenas", subdividido em "Objetos *Imakhé*" e "Hibridizações", e "Objetos artísticos, atividades e efeitos", subdividido em "Construir a vida cotidiana", "Fabricar a imagem de si", "Combater os inimigos" e "Criar realidades paralelas".

*Imakhé*, uma categoria Wayana que designa "o que é meu", "resulta da ordenação da produção material segundo um ponto de vista estético e valorativo" (Van Velthem apud Fernandes Dias, 1998). Os objetos Imakhé dos Wayana constituíram este conjunto.

Sob o tema "Objetos artísticos, atividades e efeitos", mostrava-se que a qualidade das formas artísticas encontra-se menos no uso visual do que na capacidade de efetuarem certos efeitos como exibir uma forma particular de identidade ou de poder, distinguir o humano do não humano, integrar a alteridade como condição da própria identidade individual e coletiva. Objetos cujas formas são menos usadas para serem olhadas do que para produzirem efeitos. (Fernandes Dias, 1998)

As "instalações" enfatizavam esta qualidade e duas delas se encontravam exatamente no conjunto "Fabricar a imagem de si", afeto à construção da noção de pessoa e passagens das fases de vida biológica e social. Metamorfoses e transformações.

Foi sob o conceito de "instalação" que, por sua vez, a segunda exposição de que trata este artigo reuniu 66 altares dos cinco continentes do planeta. A exposição, cujo projeto denominou-se "Altares do Mundo", foi realizada pela Fundação Museu Kunst Palast, em Düsseldorf, Alemanha, recebeu o nome "Altäre, kunst zum niederknien" e foi inaugurada em 2 de setembro de 2001. Deverá permanecer em cartaz neste museu até janeiro de 2002, de onde seguirá para Milão, Itália.



fotos: Erika Koch

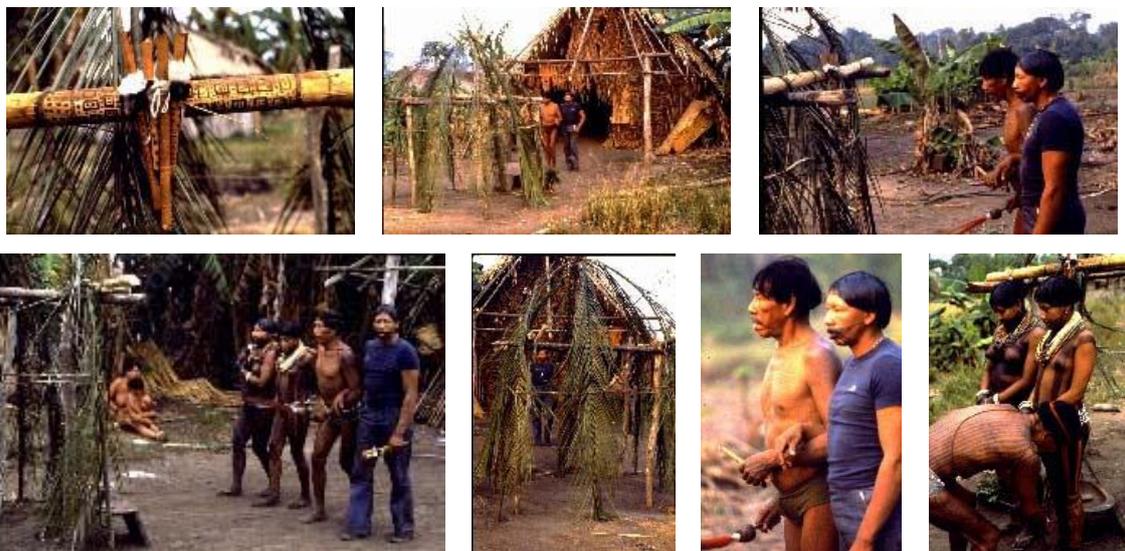
Participam desta exposição artistas brasileiros com obras religiosas do Candomblé e Umbanda e Takirí Asuriní, da Amazônia, Pará, com a construção de um altar xamanístico, a **Tukaia**.

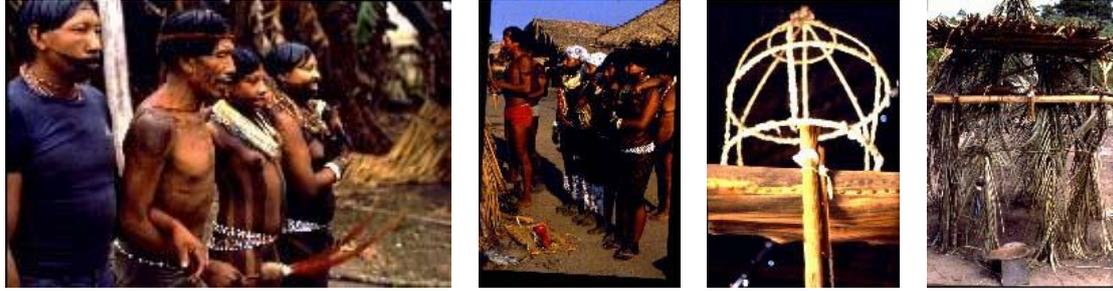
**Tukaia**-altar, a obra de Takirí Asuriní, é uma "instalação" de folhas de palmeira e troncos que reproduz uma espécie de altar de ritual xamanístico deste povo, a saber, a construção para abrigar os espíritos, seus objetos e outros companheiros sobrenaturais, convidados para conviverem com os humanos durante o ritual. Neste caso, o ritual escolhido por Takirí foi o do Veado, relacionado à agricultura. Os espíritos convidados vivem em diferentes planos do cosmo, trazem substâncias vitais e asseguram condições de vida como saúde e bons resultados na caça e na agricultura. Dentre os objetos ritualísticos que

completam o conjunto da "instalação" exibida, destacam-se as peças de cerâmica, usadas no preparo e para servir alimentos.

Esta exposição mostra a diversidade, tanto estética quanto de conteúdo, com que o homem contemporâneo (todos os altares encontram-se em uso) entram em contato e dialogam com um mundo espiritual. A proposta curatorial é apresentar artistas contemporâneos com uma abordagem global e interdisciplinar. Para Jean-Hubert Martin, curador geral, "se estamos realmente tratando de modo sério a globalização, devemos respeitar e conhecer o quadro de referência dos artistas não-ocidentais e em muitos casos, este quadro é a religião." É desta perspectiva que propõe discutir, através desta exposição, nosso entendimento do que seja arte e do que seja o museu enquanto instituição. Direitos iguais para diferentes culturas e a afinidade visual dos altares com a arte contemporânea, particularmente com "instalações", são as principais concepções subjacentes ao projeto curatorial (Altars and Shrines of the World, short guide, Museum Kunst Palast, 2001).

Takirí Asuriní tem aproximadamente 45 anos, vive na Terra Indígena Koatinemo, é líder cerimonial e um dos responsáveis pela produção do rituais xamanísticos, função chamada **wanapy**. A construção da **tukaia** e demais objetos ritualísticos são de sua responsabilidade, assim como cantar e dançar com o **pajé**, para invocar os espíritos e com eles conviver na aldeia dos humanos.





Imagens da aldeia do Koatinemo, Pará, Amazônia, 1978

Fotos de Renato Delarole

Ao definir sua participação na exposição "Altäre-kunst zum niederknien", Takirí afirmou em Düsseldorf, na inauguração, que teria vindo para mostrar (fazer ver) o que é para ser visto e não para dançar/cantar (o que é para ser vivido na aldeia). O recorte feito por Takirí, entre a manifestação estética visual, parte integrante da experiência do ritual, e a totalidade da manifestação religiosa, evidenciou clareza de sua participação como artista, no contexto ocidental. Esta clareza do pensamento de Takirí, contribui muito, a meu ver, para se pensar a arte, as relações interculturais, os museus...

## **Bibliografia**

FERNANDES Dias, J. A . B. (1998) Artes Indígenas, 1a versão do roteiro ( inédito), Cópia xerox, 21p.

Altars and Shrines of the World, short guide, Museum Kunst Palast, 2001.